

O embate entre utopia e cultura

Urbanismo e política cultural em Brasília-DF¹

Por Ana Cristina P. Campos
Mestre em História pela Universidade de Brasília

Resumo:

O desenvolvimento desordenado das periferias do DF, revela como nosso perfil cultural, no sentido dos hábitos adquiridos no processo de construção do Brasil como Nação, atropelaram a utopia modernista representada por Brasília. Nossos traços culturais acentuaram o processo de apartheid social que não é acompanhado pelas políticas públicas, particularmente aquelas voltadas para cultura e urbanismo.

Palavras-chave: Brasília, periferia, urbanismo, política cultural.

¹ Texto apresentado no II ENECULT. Salvador, 2007

Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é o inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.

(Ítalo Calvino, Cidades Invisíveis. São Paulo, Brasiliense, 1990 p. 150.)

I – Uma tarde em Itapuã

Não, não se trata da descrição, já belamente feita por Vinícius e Toquinho, “ do Mar que não tem tamanho, um arco-íris no ar e um dia pra vadiar”. Na mais nova cidade do Distrito Federal, Itapuã, uma invasão com 50 mil moradores divididos em cerca de 14 mil lotes, num total de 200 hectares, passar uma tarde pode não ser tão bom.

Segundo reportagem do Correio Braziliense, *os moradores comemoram a publicação da lei que cria a Região Administrativa (RA) da invasão no Diário Oficial do DF do início de 2005. O governo local tem até 7 de março deste ano para definir os limites da cidade e submeter o projeto à aprovação na Câmara Legislativa*. Mas mesmo sem a definição dos limites da cidade o então governador do DF, Joaquim Roriz, já *determinou a construção da sede da administração e da primeira escola e o administrador, recém nomeado, também promete levar o primeiro posto policial para a área marcada pela violência.* **1**

Este cenário de inchamento das periferias nas metrópoles brasileiras é fenômeno amplamente conhecido, vivido e negligenciado pelos brasileiros, como um não problema seu. Um processo que, para a vida nacional, surge naturalmente, sem espanto, indignação e, mais grave, sem o questionamento das raízes que alavancam sua existência da forma como ela se apresenta: um quisto de miséria e violência, privado das condições de um aprimoramento educativo, ético e estético, onde os moradores não conseguem jogar o jogo da vida em sociedade porque, simplesmente, não conseguem adquirir as condições básicas para sentar à mesa e jogar.

Sabem porque é difícil passar a tarde em Itapuã? *Porque, sem escola na invasão, os moradores são obrigados a percorrer longas distâncias para estudar. Também dividem um único médico que atende a população no posto de saúde lotado inaugurado há pouco mais de um ano. Quase todas as doenças estão ligadas à falta de saneamento e coleta eficiente de lixo. O caminhão só passa a cada dois dias e há poucos containers espalhados pela cidade.* **2**

Então ,é isso. Passar uma tarde em Itapuã nos obriga a encarar o apartheid social que vimos construindo solidamente. O que é notável é que este fenômeno esteja a se perpetuar na vizinhança da capital da República , Brasília, uma cidade de apenas 47 anos, fruto da utopia modernista brasileira , gestada nos anos 30 e concretizada, sob a batuta de Juscelino Kubistchek,com a construção da nova capital no centro geográfico do Brasil.

Nos anos 60, quando a cidade é inaugurada, o fenômeno das favelas já tinha uma história e começava a dar seus evidentes sinais de preocupação .Berthold Zilly, intelectual alemão estudioso da literatura brasileira, sintetiza claramente, a partir de sua visão descomprometida de estrangeiro , a história das favelas:

Sabe-se que os veteranos mais pobres da guerra de canudos foram, de certa forma, os primeiros favelados do Brasil, tendo recebido do governo brasileiro autorização de construir cabanas no morro da Providência, no centro do Rio, que passou a chamar-se, temporariamente, morro da Favela, topônimo dos arredores de Canudos. Assim , os primeiros favelados foram os “vencedores urbanos de uma guerra civil contra os pobres do campo. Tiveram , mais tarde, como vizinhos, não só as vítimas das obras de urbanização que o prefeito Pereira Passos, o Haussmann brasileiro, promoveu, sob o lema “ O Rio civiliza-se”, mas também parentes colaterais e descendentes dos seus antigos inimigos do sertão, que numa migração secular vêm procurando condições de sobrevivência na grande cidade. De modo que as favelas são projetos de auto-ajuda dos excluídos urbanos e rurais, o grande cadinho da plebe do Brasil inteiro, uma superação sui generis da contradição entre campo e cidade. (Zilly,1998,p.121) 3

A experiência de Brasília, que deveria se constituir numa nova maneira de corrigir as deformações pré- existentes no modelo de desenvolvimento urbano em nossas cidades, no decorrer do tempo, vai apresentar os mesmos vícios. Neste sentido a utopia modernista, representada por Brasília, se deparou com o perfil cultural brasileiro – entendido como os hábitos forjados no processo de nossa constituição enquanto Estado-Nação - que acabou

por desorientar o plano inicial. Para entender este embate entre a utopia modernista e os traços culturais brasileiros impeditivos da realização desta utopia, voltemos um pouco atrás para poder localizar e contextualizar as intenções do novo projeto de capital.

II – Um embate entre utopia e cultura

A Utopia modernista do início do século XX, está marcada , por dois acontecimentos simultâneos , desenvolvidos em meio ao embate severo representado pela 1ª Guerra Mundial:

- a aceleração do processo de industrialização nos países ocidentais, como sinônimo de modernidade , desenvolvimento urbano e progresso, através da livre iniciativa, no campo econômico, e da democracia , no campo político, marcando o processo de desenvolvimento e enraizamento do capitalismo no Ocidente ;

- A vitória da Revolução Socialista que resultou na criação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas em 1917. A Revolução foi o resultado da tentativa de pôr em prática a utopia comunista, que, grosso modo, se expressava na idéia de que a luta de classes conduziria o proletariado ao poder, instaurando a chamada *ditadura do proletariado*, que então permitiria a implantação de novos valores sociais e do trabalho, como a propriedade comum dos meios de produção, a fraternidade universal através da união do proletariado de todo o mundo.

Esta idéia marcou profundamente a luta política mundial , durante todo o século XX.No Brasil, esta conjuntura ecoou de formas distintas em momentos diversos.

II.1 - Utopia modernista brasileira - 1º movimento

Nos anos 20 nossa utopia modernista vai estar ligada , do ponto de vista estético- cultural, à Semana de Arte Moderna de 22, que , ao comemorar o Centenário da Independência do Brasil,o faz defendendo não só uma nova estética, como o compromisso de repensar a

questão de nossa dependência cultural. Esta renovação estética da chamada 1ª fase do movimento, que ficou marcada, também, pela publicação do *manifesto antropófago* por Oswald de Andrade, será beneficiada pelo contato do grupo modernista com as vanguardas européias, o que aponta para seu perfil não xenófobo. A idéia é deglutir o estrangeiro para incorporar suas qualidades positivas:

Não se trata de se opor pura e simplesmente à civilização moderna industrial; antes, Oswald acredita que são alguns dos benefícios proporcionados por ela que tornam possíveis formas primitivas de existência. Por outro lado, somente o pensamento antropofágico é capaz de distinguir os elementos positivos dessa civilização, eliminando o que não interessa e promovendo, por fim, a "Revolução Caraíba" e seu novo homem "bárbaro tecnizado". 4

O governo Vargas vai materializar esta idéia de modernidade na construção do Edifício-sede do Ministério da Educação e Saúde, para o qual convergem, quer como idealizadores, construtores, funcionários e colaboradores, vários dos expoentes modernistas como Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Heitor Villa Lobos, Mário de Andrade, Cândido Portinari, entre outros.

Mas a modernidade, no período de Vargas, significava, também, a ocupação de vasto território no Brasil Central. Sua idéia de organização e unificação da Nação passava pela ocupação do Centro-Oeste:

Os destinos da pátria dependeriam, segundo Vargas, de uma política que promovesse eficazmente a convergência das fronteiras políticas com as econômicas, por meio da difusão de técnicas e padrões modernos, em condições de integrar e desenvolver a nação em suas próprias fronteiras internas. (Branco, 1987, p.25) 5

II.2- Utopia modernista – 2º. Movimento

A modernização buscada com a ocupação da região central do país se concretizará através da criação de um novo símbolo moderno, a meta- síntese de Juscelino Kubitscheck : Brasília. A cidade representaria não só um manifesto concreto de nossas potencialidades técnicas, como uma visão arrojada de arquitetura e urbanismo racional que pretendia ainda, na sua idéia original, amenizar, ao menos, as divisões de classe , uma inspiração das idéias socialistas trazidas com a revolução russa :Brasília acarretaria uma enorme onda de modernização nas regiões centrais e seria um passo essencial para deslocar o eixo econômico da Região Sudeste. (Branco , 1987, p. 28) 6

Mais uma vez, a dupla Lúcio Costa, Oscar Niemeyer é chamada a traduzir - como já o fizera nos anos 30/40, com a construção do prédio do Ministério da Educação e Saúde sob o comando Vargas/ Capanema - este novo símbolo do novo estágio modernizante/ industrializante promovido , agora , por Juscelino Kubitscheck. Este impulso industrializante destacou-se com a introdução da indústria automobilística no Brasil,o que marcou de forma irreversível, a conformação urbana da nova capital, onde o automóvel ocupa um lugar de destaque.

No relatório do Plano Piloto de Brasília , escrito por Lúcio Costa para a Companhia Urbanizadora e Comissão Julgadora do concurso para a escolha do projeto da nova capital, o autor já insinua sua preocupação em relação ao aspecto social de seu projeto urbanístico, embora consciente de sua inserção numa economia capitalista:

*A gradação social poderá ser dosada facilmente atribuindo-se maior valor a determinadas quadras como, por exemplo, às quadras singelas contíguas ao setor de embaixadas. (...) as quadras contíguas à rodovia serão naturalmente mais valorizadas que as quadras internas, o que permitirá as gradações próprias do **regime vigente**; contudo o agrupamento delas, de quatro em quatro, propicia, num*

*certo grau, a coexistência social, evitando-se assim uma indevida e indesejável estratificação.(...) as diferenças de padrão de uma quadra a outra serão neutralizadas pelo próprio agenciamento urbanístico proposto, e não serão de natureza a afetar o conforto social a que todos tem direito. Elas decorrerão apenas de uma maior ou menor densidade, do maior ou menor espaço atribuído a cada indivíduo e a cada família, da escolha dos materiais e do grau e requinte do acabamento. Neste sentido **deve-se impedir a enquistação de favelas tanto na periferia urbana quanto na rural.** Cabe à Companhia Urbana prover, dentro do esquema proposto, acomodações decentes e econômicas para a totalidade da população.. (Costa,,1991,p.2, Grifo meu) 7*

As idéias democratizantes , sugeridas em alguns pontos do projeto, irão confrontar-se , do ponto de vista político, com um golpe militar que se instaura no país 4 anos depois da inauguração de Brasília. Valendo-se da guerra fria, representada pela disputa entre os blocos comunista e capitalista , após a 2ª. Guerra mundial, setores conservadores brasileiros, civis e militares, se socorrem da idéia do *perigo comunista*, acentuado com a vitória da revolução cubana liderada por Fidel Castro, para dar um golpe de Estado com apoio norte americano.Este foi o primeiro golpe na Utopia.

III - Traços culturais X urbanismo

Outros fatores , mais enraizados em nossa história, irão contribuir para a desorientação do projeto urbanístico original. São eles , alguns de nossos próprios traços culturais , que independiam dos *perigos externos*,e que passam a influir no desenvolvimento da cidade, quais sejam:

- Uma cultura historicamente concentradora de renda e poder político disseminado entre as elites regionais, com foco no sudeste/sul do país;
- Uma cultura política autoritária e centralizadora que conheceu períodos democráticos de curta duração;

- Uma cultura em que os privilégios das elites são reconhecidos como um dado natural, resultado do longo período escravocrata no país ,que resultou numa certa resistência a regulamentações que possam beneficiar a todos e ,muitas vezes, na equivocada relação/confusão ente regulação e censura.

- Uma cultura do” favor” ,já discutida por Roberto Schuartz , impedindo o aparecimento de instituições fortes e democráticas;

- Uma cultura de conciliação e temente à ruptura, que não encara o confronto como instrumento de transformação e amadurecimento político e social .

É neste embate entre a utopia modernista original e a realidade cultural do país, que Brasília e o Distrito Federal irão testemunhar a repetição do modelo de desenvolvimento urbanístico brasileiro, sendo a Itapuã do início de 2005 a sua mais nova tradução. Alguns observadores assim sintetizam o resultado deste embate a que me referi:

A tendência a exclusão dos compatriotas pobres e de inclusão dos remediados em seus enclaves, que são exclaves da civilização internacional, é levada ao extremo em Brasília, com sua radical divisão em bairros funcionais e o afastamento sistemático das camadas de baixa renda do perímetro urbano, um pecado urbanístico original, uma espécie de expurgo social desde a fundação da cidade, embora geralmente não violento. Se , porém, o espaço público dentro de Brasília é relativamente livre de guetos de pobres, mantidos à distância em cidades-satélites, se estas não dominam virtualmente as ruas como em outras cidades brasileiras, isto não quer dizer que as ruas e praças sejam lugares públicos pertencentes aos cidadãos de classe média e alta, pois , no fundo, não são de cidadão algum, são do automóvel. ((Zilly,1998,p.130) 8

Lúcio Costa assim compreenderia o fenômeno do automóvel que já se insinuava à época da concepção da cidade:

(...) não se deve esquecer que o automóvel, hoje em dia, deixou de ser o inimigo inconciliável do homem, domesticou-se, já faz, por assim dizer, parte da família. Ele só se “deshumaniza”, readquirindo vis-à-vis do pedestre feição ameaçadora e hostil quando incorporado à massa anônima do tráfego. Há então que separá-los, mas sem perder de vista que em determinadas condições e para a comodidade recíproca, a coexistência se impõe.(Costa, 1991,p.22) 9

É preciso considerar, na análise deste processo, que Lúcio Costa tinha consciência e , de certa forma impôs, os limites de sua participação profissional.Neste sentido, no mesmo relatório em que descreve seu projeto urbanístico , duas afirmações se destacam:

*Desejo inicialmente desculpar-me perante a direção da Companhia Urbanizadora e a Comissão julgadora do Concurso pela apresentação sumária do partido aqui sugerido para a nova capital, e também justificar-me.Não pretendia competir e, na verdade, não concorro, - **apenas me desvencilho de uma solução possível**, que não foi procurada mas surgiu, por assim dizer, pronta..*

*Compareço, não como técnico devidamente aparelhado, pois nem sequer disponho de escritório, mas como simples maquis do urbanismo, que **não pretende prosseguir no desenvolvimento da idéia apresentada senão eventualmente , na qualidade de mero consultor.***

Mais adiante acrescenta:

A concepção da cidade não será uma decorrência do planejamento regional, mas a causa dele: a sua fundação é que dará ensejo ao ulterior desenvolvimento planejado da região. Trata-se de um ato deliberado de posse, de um gesto de sentido ainda desbravador, nos moldes da tradição colonial. (Costa,1991,pp.18/20)

Lúcio Costa esclarece, portanto, que deixa para a história, seus atores e processos , a forma como Brasília vai se inserir no contexto regional, quer como exemplo de urbanização planejada , quer como pólo de atração sócio-econômica da região.No caso da *Cidade que inventou*, o autor se isenta de um acompanhamento cotidiano e ilimitado de seu rebento, propiciando , desta forma , um desenvolvimento mais autônomo. De sorte que, reitero, Brasília e o Distrito Federal, ficam à mercê do embate a que me referi entre Utopia e Cultura , inclusive a cultura da descontinuidade de nossas políticas públicas.

IV- Cidadania cultural

O impacto mais aparente a refletir as desigualdades entre centro e periferia, no caso das metrópoles, se dá no domínio da estética. Em Brasília esta desigualdade é mais visível, devido ao próprio partido urbanístico , que acabou por preservar Brasília, tombada nos anos 80, liberando as áreas circundantes .

Em contraste com seus amplos e majestosos jardins, seu ordenamento, asseio ,suas moradias numa escala entre dignas, passando pelo confortável ao luxuoso , a arquitetura oficial internacionalmente reconhecida pela beleza e ousadia do traço de Niemeyer, seu rico comércio e estrutura de serviços, toda esta ambiência aprazível contrasta com uma periferia de aspecto precário: casas semi-acabadas, raramente emassadas e pintadas , onde se sustenta um mar de antenas de televisão nas quais se agregou, mais recentemente, um festival de grades , à moda de presídios ; uma enxurrada de anúncios de lojas comerciais e todo tipo de produtos e serviços , como uma colcha de retalhos ; ausência total de natureza: não se nota uma árvore, não há sombras que abriguem do sol do planalto os habitantes destas “cidades-satélites”; também não existe aquela praça que qualquer cidade do interior possui,singela que seja, com seus bancos , árvores, passeios , brinquedos infantis, coretos. Tudo isso sem mencionar a ausência de infra-estrutura sanitária.

Se, na aparência, esta periferia está privada da estética, também no seu interior , raramente se encontram as condições logísticas ou estruturais que poderiam fazer aflorar ali este aprimoramento estético, estou me referindo à políticas públicas na área de arte e cultura.É

claro que a arte e manifestações estéticas podem brotar naturalmente , em qualquer parte, sem qualquer escola ou aparato específico, já que este impulso pode habitar qualquer um, mas o gênio auto-didata é um fenômeno raro e , em geral, ele se nutriu, mesmo que informalmente, de algum repertório anterior sobre o qual construiu sua linguagem.

Quando entramos no site da Secretaria de Cultura do DF e clicamos no item *estrutura* e, mais especificamente, em *próprios*, ficamos informados de que a secretaria possui 14 *próprios* , São eles:

- Uma Biblioteca pública ; Catetinho, que transformou numa espécie de museu a antiga residência e escritório de JK; Centro Cultural 3 Poderes composto de: Museu da Cidade, Panteão da Pátria, Espaço Lúcio Costa; um cento de dança , anexo ao Teatro Nacional; um cinema , o cine Brasília; um anfiteatro ao ar livre, a concha acústica; um centro de criatividades, Espaço Cultural 508 Sul; Memorial dos povos indígenas; Museu de Arte de Brasília; Museu vivo da memória candanga; Pólo de Cinema; Teatro Nacional com duas grandes salas de espetáculo, um teatro de bolso , vários Halls de multi –uso e galerias de arte.

Como se vê ,todos os *próprios* da Secretaria de Cultura se encontram dentro de Brasília, o site não aponta para nenhuma infra –estrutura fora deste âmbito. Para compensar o grande arco abrangido pela a ação do Estado dentro de Brasília, o site indica projetos que pretendem dar conta da descentralização destas ações, numa tentativa de dar chance a estas periferias senão como produtoras , ao menos como fruidoras de produtos e serviços culturais. Foram identificados os seguintes projetos dos quais extraímos os textos originais do site:

- Mala do livro

Criado para incentivar a leitura em locais onde não havia bibliotecas, o projeto Mala do Livro da Secretaria de Cultura do GDF oferece um kit montado num caixote de madeira

que se fecha em forma de mala, composto de livros e gibis diversificados, que são trocados periodicamente.

Com apenas 4 caixotes, o projeto começou em abril de 1990, na recém-inaugurada Samambaia. Outras cidades-satélites, criadas depois, foram os próximos destinos das malas, facilitando cada vez mais o acesso da comunidade aos livros.

Atualmente, existem 384 malas em residências de agentes facilitadores. O restante fica em locais fixos, como o Centro de Atendimento Juvenil Especializado (CAJE), o Zoológico e o projeto Eco museu do Cerrado (nas sete cidades do Entorno).

Além de levar a cultura para perto da comunidade, o programa também provoca a inclusão social, já que são os presos da Fundação nacional de Assistência ao Presidiário (Funap) que produzem as malas.

- Escola vai ao cinema

O projeto da Secretaria de Cultura do GDF é direcionado aos alunos das escolas públicas e particulares do DF.

Seu objetivo é a formação de público, a complementação cultural e a integração social oferecendo ao público infanto-juvenil a oportunidade de assistirem sessões do Cine Brasília.

- Arte por toda a parte

Todas as Regiões Administrativas do DF são atendidas, prestigiando o artista e a produção local, suprimindo a carência cultural, ajudando a popularizar a cultura e a formação de novas platéias, criando empregos diretos e indiretos para os artistas, produtores e técnicos de Brasília.

O projeto, que busca reforçar e apoiar campanhas sociais e educativas, é levado também aos hospitais, escolas, rodoviária, parques, praças, setores comerciais, feiras e espaços comunitários.

- Fundo de Apoio a Cultura (FAC)

Um dos principais objetivos do FAC é apoiar projetos que atendem aos moradores das cidades satélites. Nestes locais, acontecem constantemente oficinas de dança, de artesanato, artes plásticas, entre outras, além de uma extensa programação cultural.

- Cinema Voador

Mais um dos programas da secretaria que busca levar a cultura às comunidades carentes. O Cinema Voador, cabine e tela ambulante para projeção de filmes, percorre as cidades do DF e, quando chega ao local, exhibe duas sessões de filmes: um infantil e outro adulto.

Está claro que a Secretaria de Cultura reconhece as desigualdades de ofertas culturais quando propõe os projetos acima descritos. No entanto para analisarmos sua eficácia, seria necessário um estudo da concepção, produção, recepção e avaliação do resultado destes programas. Seria necessário investigar também como esta programação é concebida; quem a opera; se os projetos têm continuidade; se comunidades atingidas por determinados projetos, o são com fins meramente eleitoreiros ou se pretende sedimentar uma cultura artística e propiciar acesso gratuito a entretenimento de qualidade.

Tais projetos incidem mais na perspectiva da fruição do que na da criação que possa advir dessas comunidades periféricas e, em geral, tem um caráter eventual, que dificulta a sedimentação de processos de invenção e aquisição de repertório estético, no seio destas comunidades.

Não é mesmo à toa, que em Itapuã, a nova futura cidade-favela do DF, o posto policial chega na frente do pensamento sobre qualquer outro tipo de providência infra-estrutural. É que os responsáveis pelo seu surgimento, não entendem e/ou não querem entender que,

abandonados a sua própria sorte e talento, no mundo da pura sobrevivência, só lhes resta o confronto, muitas vezes, sem ética, do seu cotidiano. A polícia chega para dar um jeito no que as políticas sociais não impuseram como solução de direito.

Nos seus estudos sobre as relações entre democracia e violência no Brasil, o psicanalista Jurandir Freire Costa aponta para o traço de "alheamento em relação ao outro", desenvolvido ao longo da história por nossas elites, como forma de alcançar uma suposta felicidade. O "alheamento em relação ao outro" é o mecanismo no qual se aloja a célula anti-democrática ao nível do indivíduo:

O alheamento consiste numa atitude de distanciamento, na qual a hostilidade ou o vivido persecutório são substituídos pela desqualificação do sujeito como ser moral. Desqualificar moralmente o outro significa não vê-lo como um agente autônomo e criador potencial de normas éticas, ou como um parceiro na obediência às leis partilhadas e consentidas, ou, por fim, como alguém que deve ser respeitado em sua integridade física.

A conduta indiferente corresponde a um estado psíquico em que a impiedade não é reconhecida como tal.

A forma de vida das elites no Brasil vem progressivamente apoiando-se nesse modelo de subjetivação e individualização. Da perspectiva desses indivíduos, os pobres e miseráveis são cada vez menos percebidos como pessoas morais. Os que estão no topo da hierarquia social não vêem os que desprezam como adversários de classe, interesses ou costumes. Vêem neles uma sorte de resíduo social inabsorvível, com o qual se deve aprender a conviver, à condição de poder puni-lo ou controlá-lo em caso de insubordinação.

A indiferença produziu uma reação igual e contrária. Os desfavorecidos também começaram a negar seu pertencimento a um povo, classe ou nação, e o crescimento do banditismo urbano mostra que aprenderam bem a lição dos mentores.(12)

O casamento das políticas públicas, de urbanismo, cultura e educação, bem como o desenvolvimento - pelas escolas de arquitetura e urbanismo de todo o país em parceria com secretarias municipais de habitação - de projetos arquitetônicos dignos, voltados a população de baixa renda, poderia contribuir decisivamente para a transformação da paisagem de nossas metrópoles. Se sociedades sem ética produzem cidades sem estética, como afirma Ana Carmem Casco(11), será necessário reavaliar o processo que resultou no equívoco que vem dificultando nossa vida de humanos nas grandes cidades.

Se as utopias amadurecidas no início do século XX, aparentemente fracassaram na integridade de suas intenções, certamente nos legaram valores que precisam ser reconduzidos a nossa prática política, de fato. Refiro - me às idéias subjacentes tanto no lema da Revolução Francesa do século XVIII quanto no ideal socialista da passagem do XIX ao XX. A memória como socorro. A história como um livro vivo cujo repertório e narrativa pode e deve nos iluminar a vida, nos mostrar caminhos.

Brasília, como capital da República, sendo uma cidade jovem mas que já nasce com as condições de entender o legado histórico que nos conformou, tem um papel fundamental no esforço da transformação dos traços culturais que impedem nosso desenvolvimento democrático. As culturas, sendo o resultado de embates e diálogos entre os grupos humanos, podem e devem se transformar a favor de todos e não contra alguns.

V - Notas bibliográficas

1 – BALDRIM, Cecília..*Itapuã: nova cidade, velhos problemas*. Correio Braziliense, 16 de janeiro de 2005.

2 –Idem

3 – ZILLY, Berthold. *Guetos e arquipélagos: divisão e degradação do espaço nas megalópoles brasileiras* In REv. TB, Rio de Janeiro, 132:117/138, jan.-mar., 1998.

4 – Dados obtidos da Enciclopédia Virtual de Artes Visuais do Instituto Itaú Cultural

5 – BRANCO, Luís Castelo. *Brasília: do centro à periferia ou uma viagem redonda* In A gestão dos conflitos em Brasília. Paviani, Aldo (org), Brasília, Codeplan, 1987.

6 – Idem

7 – COSTA, Lúcio. Brasília, cidade que inventei. Brasília, GDF, 1991

8 - ZILLY, Berthold. *Guetos e arquipélagos: divisão e degradação do espaço nas megalópoles brasileiras* In REv. TB, Rio de Janeiro, 132:117/138, jan.-mar., 1998.

9 - COSTA, Lúcio. Brasília, cidade que inventei. Brasília, GDF, 1991.

10 – COSTA, Lúcio. Brasília, cidade que inventei. Brasília, GDF, 1991

11-CASCO, Ana Carmem Amorim Jará. Reinventando a Cidade: um diálogo entre Marco Pólo e o Imperador. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, no. 29, 2001. Brasília-DF; IPHAN, 2001

12 - COSTA, Jurandir Freire. *A ética democrática e seus inimigos: o lado privado da violência pública* IN Nascimento, Elimar Pinheiro do (org.) Brasília: capital do debate - o século XXI - Ética. Rio de Janeiro/Brasília: Garamond/Codeplan, 1997, pp. 67-86.

Sumário

I – Uma tarde em Itapuã	p. 3
II – Um embate entre utopia e cultura	p. 4
II.1 Utopia modernista. 1º. Movimento	p. 5
II.2 Utopia modernista . 2º. Movimento	p. 5
III – Traços culturais X Urbanismo	p.6
IV – Cidadania cultural	p. 8
V- Notas bibliográficas	p. 12